

PAPEL DO MÉDIUM NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Influência do Espírito pessoal do médium – Sistema dos médiuns inertes – Aptidão de alguns médiuns para as coisas que não conhecem: línguas, música, desenho – Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns

223 1. O médium, no momento em que exerce a mediunidade, está em um estado perfeitamente normal?

“Algumas vezes, está num estado de crise mais ou menos perceptível que lhe causa fadiga, e é por isso que tem necessidade de repouso; porém, muitas vezes não difere do seu estado normal, especialmente em relação aos médiuns escreventes.”

2. As comunicações escritas ou verbais também podem provir do próprio Espírito encarnado no médium?

“A alma do médium pode se comunicar como a de qualquer outro; se desfruta de um certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso na alma das pessoas vivas que vêm vos visitar e se comunicam convosco pela escrita, muitas vezes sem ser chamadas, porque ficai sabendo que, entre os Espíritos que evocais, há os que estão encarnados na Terra; então, *vos falam como Espíritos, e não como homens*. Não há, portanto, razão para que não possa ocorrer o mesmo com o do médium.”

2 a. Essa explicação não parece confirmar a opinião dos que acreditam que todas as comunicações são do Espírito do médium, e não de Espíritos estranhos?

“Estão errados apenas porque a consideram única, absoluta; porque é certo que o Espírito do médium pode agir por si mesmo; mas não é uma razão para que outros não ajam igualmente por seu intermédio.”

3. Como distinguir se o Espírito que responde é o do médium ou um Espírito estranho?

“Pela natureza das comunicações. Estudai as circunstâncias e a linguagem e distinguireis. É principalmente no estado de sonambulismo ou de êxtase que o Espírito do médium se manifesta, porque então está

mais livre. No estado normal, é mais difícil. Aliás, há respostas que é impossível lhe serem atribuídas; é por isso que vos digo para estudar e observar.”

♦ *Quando uma pessoa nos fala, distinguimos facilmente o que vem dela e o que é apenas eco; acontece o mesmo com os médiuns.*

4. Já que o Espírito do médium pôde adquirir, nas existências anteriores, conhecimentos que esquece sob seu envoltório corporal, mas dos quais se lembra como Espírito, não pode ir buscar do fundo dessas lembranças as idéias que parecem ultrapassar a capacidade de sua instrução?

“Isso acontece muitas vezes no estado de crise sonambúlica ou extática; mas ainda uma vez mais repetimos: há circunstâncias que não permitem dúvida; *estudai profundamente e meditai.*”

5. As comunicações provenientes do Espírito do médium são sempre inferiores às que poderiam ser feitas pelos Espíritos estranhos?

“Nem sempre, porque o Espírito comunicante pode ser de uma ordem inferior à do médium e então falar menos sensatamente. Vê-se isso no sonambulismo, porque é geralmente aí que o Espírito do sonâmbulo se manifesta e diz algumas vezes coisas muito boas.”

6. O Espírito que se comunica pelo médium transmite diretamente seu pensamento ou faz de seu intermediário o Espírito encarnado no médium?

“É o Espírito do médium que o interpreta; para isso está ligado ao corpo, que serve para falar; é preciso um elo entre vós e os Espíritos que se comunicam, como no telégrafo elétrico é necessário um fio elétrico para transmitir uma notícia a distância e, na ponta do fio, uma pessoa inteligente, que a receba e a interprete.”

7. O Espírito encarnado no médium exerce uma influência sobre as comunicações que deve transmitir e que são provenientes de Espíritos estranhos?

“Sim, porque, se não há afinidade entre ambos, ele pode alterar suas respostas e impregná-las de suas próprias idéias e de suas inclinações, *mas não influencia os próprios Espíritos*, os autores das respostas; ele é apenas um mau intérprete.”

8. Essa é a causa da preferência dos Espíritos por certos médiuns?

“Sim. Procuram o intérprete com que melhor sintonizam e que transmite mais exatamente seu pensamento. Se não há afinidade, sintonia, entre eles, o Espírito do médium é um antagonista, que oferece uma certa

resistência e que se torna um intérprete de má qualidade e muitas vezes infiel à mensagem. Acontece o mesmo entre vós quando o ensinamento de um sábio é transmitido pelas palavras de um leviano ou de um homem de má-fé."

9. Compreende-se que seja assim com os médiuns intuitivos, mas não com os mecânicos.

"Vós não vos dais conta do papel que exerce o médium; existe uma lei que ainda não compreendeis. Lembrai-vos de que, para provocar o movimento de um corpo inerte, o Espírito tem necessidade de uma porção de fluido animalizado que tira do médium para animar momentaneamente a mesa, a fim de que esta obedeça à sua vontade; pois bem! Compreendei também: para uma comunicação inteligente, há necessidade de um intermediário inteligente, e esse intermediário é o Espírito do médium."

9 a. Isso não parece aplicável ao que se chama mesas falantes; porque, quando objetos inertes, como mesas, pranchetas e cestas, dão respostas inteligentes, parece-nos que o Espírito do médium é desnecessário, não serve para nada.

"É um erro; o Espírito pode dar ao corpo inerte uma vida factícia, momentânea, mas nunca inteligência; nunca um corpo inerte será inteligente. É, portanto, o Espírito do médium que recebe o pensamento, embora sem ter noção disso, e o transmite pouco a pouco, com a ajuda de diversos intermediários."

10. Parece resultar dessas explicações que o Espírito do médium nunca está completamente passivo.

"É passivo quando não mistura suas próprias idéias com as do Espírito comunicante, mas nunca é absolutamente nulo; sua participação sempre é necessária como intermediário, mesmo para os que chamais de médiuns mecânicos."

11. Então há mais garantia de independência ou de fidelidade no médium mecânico do que no médium intuitivo?

"Sem dúvida, e para algumas comunicações é preferível um médium mecânico; mas, quando se conhece as faculdades de um médium intuitivo, isso se torna indiferente, conforme as circunstâncias; quero dizer que há comunicações que não exigem tanta precisão."

12. Entre os diferentes sistemas que foram idealizados para explicar os fenômenos espíritas, há um que concebia que a verdadeira mediunidade está no corpo completamente inerte, na cesta ou no papelão, por exemplo, que serve de instrumento; que o Espírito comunicante se

identifica com esses objetos e os torna não somente vivos, mas inteligentes; daí o nome de *médiuns inertes* dado a esses objetos; que pensais disso?

“Há apenas uma palavra a dizer sobre isso: se o Espírito tivesse transmitido a inteligência ao papelão, ao mesmo tempo que a vida, o papelão escreveria sozinho, sem a participação do médium. Seria extraordinário que o homem inteligente se tornasse máquina e que um objeto inerte se tornasse inteligente. É um dos numerosos sistemas nascidos de uma idéia preconcebida que caem, como tantos outros, diante da experiência e da observação.”

13. Um fenômeno bem conhecido poderia comprovar a opinião de que há nos corpos inertes animados, mais do que vida, a inteligência, como é o caso das mesas, cestas etc., que exprimem por seus movimentos a cólera ou a afeição?

“Quando um homem agita um bastão com cólera, não é o bastão que está colérico, nem mesmo a mão que o segura, mas sim o pensamento que dirige a mão. As mesas e as cestas não são mais inteligentes que o bastão; não há nelas nenhum sentimento inteligente; elas apenas obedecem a uma inteligência. Numa palavra, não é o Espírito que se transforma em cesta, nem mesmo entra nela como se fosse um abrigo.”

14. Se não é racional atribuir inteligência a esses objetos, pode-se considerá-los uma variedade de médiuns, ao designá-los sob o nome de *médiuns inertes*?

“É uma questão de palavras que pouco nos importa, contanto que entendais. Sois livres para chamar a uma marionete de homem.”

15. Os Espíritos possuem apenas a linguagem do pensamento; não possuem a linguagem articulada; desse modo, há para eles apenas uma única língua. Assim, um Espírito poderia se exprimir por meio mediúnico em uma língua que nunca falou quando vivo? E, nesse caso, de onde tira as palavras de que se serve?

“Vós mesmos respondestes à questão, ao dizer que os Espíritos têm uma única língua, que é a do pensamento; essa língua é compreendida por todos, tanto pelos homens quanto pelos Espíritos. O Espírito que quer se comunicar, ao se dirigir ao Espírito encarnado no médium, não lhe fala nem em francês, nem em português ou em inglês, mas na língua universal que é a do pensamento. Para traduzir suas idéias em uma linguagem articulada, transmissível, ele utiliza as palavras do vocabulário do médium.”

16. Se é assim, o Espírito deveria poder se exprimir apenas na língua do médium, enquanto vemo-lo escrever em línguas desconhecidas deste último; não há aí uma contradição?

“Observai primeiramente que não são todos os médiuns que têm aptidão para esse gênero de exercício e, em seguida, que os Espíritos se prestam apenas acidentalmente a isso, quando julgam que pode ser útil; mas, para as comunicações usuais e de certa extensão, preferem se servir de uma língua familiar ao médium, pois lhe apresenta menos dificuldade material a vencer.”

17. A aptidão de certos médiuns para escrever numa língua que lhes é estranha não se dá pelo fato de que essa língua lhe foi familiar em uma outra existência e que conservou a intuição dela?

“Isso pode acontecer, mas não é uma regra. O Espírito pode com alguns esforços superar, momentaneamente, a resistência material que encontra; é o que acontece quando o médium escreve, na sua própria língua, palavras que não conhece.”

18. Uma pessoa que não sabe escrever poderia escrever como médium?

“Sim, mas compreende-se que nesse caso há ainda uma grande dificuldade mecânica a vencer; isso porque a mão não tem o hábito do movimento necessário para formar letras. Acontece o mesmo com os médiuns desenhistas que não sabem desenhar.”

19. Um médium pouco inteligente poderia transmitir comunicações de uma ordem elevada?

“Sim, pela mesma razão que um médium pode escrever numa língua que não conhece. A mediunidade propriamente dita é independente da inteligência, assim como das qualidades morais, e, na falta de um melhor instrumento, o Espírito pode se servir do que tem à mão; mas é natural que, para as comunicações de uma certa ordem, ele prefira o médium que lhe oferece menos obstáculos materiais. Há ainda uma outra consideração: o idiota* muitas vezes é idiota apenas pela imperfeição de seus órgãos, mas seu Espírito pode ser mais avançado do que acreditais; tendes a prova em certas evocações de idiotas, mortos ou vivos.”

◆ *É um fato constatado pela experiência; evocamos muitas vezes idiotas vivos que deram provas patentes de sua identidade e responderam de modo muito sensato e até mesmo superior. Esse estado é uma punição para o Espírito, que sofre com o constrangimento em que se encontra.*

* **Idiota, idiotia:** débil mental, deficiente mental; atraso intelectual profundo (N.E.).

Um médium idiota pode, algumas vezes, oferecer ao Espírito que quer se manifestar mais recursos do que se acredita. (Veja a Revista Espírita, julho de 1860, artigo sobre a frenologia e a fisionomia.)

20. De onde vem a aptidão de alguns médiuns para escrever em verso, apesar de desconhecerem a métrica da poesia?

“A poesia é uma linguagem; podem escrever em verso, como podem escrever numa língua que não conhecem; além disso, podem ter sido poetas numa outra existência, e, como já vos disse, os conhecimentos adquiridos nunca são perdidos para o Espírito, que deve chegar à perfeição em todas as coisas. Então o que conheceram lhes dá, sem que o saibam, uma facilidade que não possuem no estado comum.”

21. Acontece o mesmo com os que têm aptidão especial para o desenho e a música?

“Sim; o desenho e a música também são modos de expressar o pensamento; os Espíritos se servem dos instrumentos que lhes oferecem mais facilidade.”

22. A expressão do pensamento pela poesia, desenho ou música depende unicamente da aptidão especial do médium ou da do Espírito que se comunica?

“Algumas vezes da aptidão do médium, outras da do Espírito. Só os Espíritos superiores possuem todas as aptidões; os Espíritos inferiores possuem conhecimentos limitados.”

23. Por que o homem dotado de um grande talento em uma existência não o tem mais numa existência seguintes?

“Nem sempre é assim, porque muitas vezes aperfeiçoa numa existência o que começou na precedente; mas pode acontecer de uma faculdade importante adormecer durante um certo tempo para deixar que uma outra se desenvolva. É um germe latente que mais tarde voltará a germinar, mas do qual sempre ficam alguns traços ou pelo menos uma vaga intuição.”

224 O Espírito que deseja se comunicar compreende, sem dúvida, todas as línguas, uma vez que as línguas são a expressão do pensamento e o Espírito compreende pelo pensamento; mas, para exprimir esse pensamento, é preciso um instrumento: o médium. A alma do médium que recebe a comunicação do Espírito pode transmiti-la apenas pelos órgãos de seu corpo; acontece que esses órgãos não podem ter para uma língua desconhecida a flexibilidade que têm para a que lhe é familiar. Por exemplo, um médium que sabe apenas falar português poderá, acidentalmente, dar uma resposta em inglês, se o Espírito quiser fazê-lo; mas os Espíritos

acham a linguagem humana muito lenta em relação à rapidez do pensamento, por isso a abreviam tanto quanto podem, se impacientam com a resistência mecânica do processo e por esse motivo não o fazem sempre. É também a razão por que um médium principiante, que escreve com dificuldade e vagarosamente, mesmo em sua própria língua, obtém em geral apenas respostas breves, sem muito aprofundamento; os Espíritos também recomendam que por esses médiuns se façam perguntas simples. Para as de uma categoria de alcance maior, é preciso um médium mais experiente, que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Não se daria um discurso para ler a alguém que apenas soletre. Um bom obreiro não gosta de se servir de más ferramentas. Acrescentamos uma outra consideração, de grande importância, no que diz respeito às línguas estrangeiras. As tentativas nesse campo são sempre feitas com um objetivo de curiosidade e de experimentação; acontece que nada é mais antipático aos Espíritos do que as provas desse gênero a que se tenta submetê-los. Os Espíritos superiores nunca se prestam a isso e se recusam a servir a esses propósitos. Assim como se comprazem com as coisas úteis e sérias, repugnam se ocupar com as fúteis e sem objetivo. Sendo para nos convencer, dirão os incrédulos, qualquer objetivo é útil, uma vez que pode ganhar adeptos para a causa dos Espíritos. A isso os Espíritos respondem: "Nossa causa não tem necessidade dos que têm o orgulho extremo de se acreditar indispensáveis; chamamos a nós *os que queremos*, e muitas vezes são os simples, os mais humildes. Jesus fez os milagres que lhe pediram os escribas? E de que homens se serviu para revolucionar o mundo? Se quereis vos convencer, tendes outros meios que não a força; primeiramente, começai por vos submeter; não é correto que o escolar imponha sua vontade ao seu mestre".

Resulta disso que, salvo algumas exceções, o médium exprime o pensamento dos Espíritos por meios mecânicos que estão à sua disposição e que a expressão desse pensamento pode, e até mesmo deve, muitas vezes, se ressentir da imperfeição desses meios; assim, o homem rude, o camponês, poderá dizer as mais belas coisas, exprimir os pensamentos mais elevados, os mais filosóficos, ao falar como um camponês; porque, como se sabe, para os Espíritos, o pensamento domina tudo. Isso responde à objeção de alguns críticos a respeito das incorreções de estilo e ortografia que se podem atribuir aos Espíritos, mas que podem tanto ser deles quanto do médium. É uma futilidade se ligar a semelhantes coisas. Não é menos pueril interessar-se em reproduzir essas incorreções com uma minuciosa exatidão, como temos visto fazerem algumas vezes. Deve-se corrigi-las sem nenhum escrúpulo, a menos

que sejam características do Espírito que se comunica, em cujo caso é útil conservá-las como prova de identidade. É assim, por exemplo, que vimos um Espírito escrever constantemente Jule (sem o s) ao falar de seu neto, porque, quando vivo, escrevia desse modo, embora seu neto, que servia de médium, soubesse escrever perfeitamente seu nome.

225 A dissertação seguinte, dada espontaneamente por um Espírito superior que se revelou por comunicações da ordem mais elevada, resume de maneira clara e completa a questão do papel dos médiuns:

“Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, sejam mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nosso procedimento para a comunicação com eles não varia essencialmente. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados como com os Espíritos propriamente ditos unicamente pela irradiação de nosso pensamento.

“Nossos pensamentos não têm necessidade da vestimenta da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que desejamos lhes comunicar somente pelo fato de dirigirmos esse pensamento para eles, e isso em razão de suas faculdades intelectuais; ou seja, determinado pensamento pode ser compreendido por alguns, de acordo com seu adiantamento, enquanto para outros esse pensamento não revelará nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo de seu coração ou de seu cérebro, e por isso não será perceptível para eles. Nesse caso, o Espírito encarnado que nos serve de médium está mais apropriado para transmitir nosso pensamento aos outros encarnados, ainda que não o compreenda, do que um Espírito desencarnado mas pouco avançado; se fôssemos obrigados a recorrer a ele para ser nosso intermediário. Isso porque o ser terrestre coloca seu corpo como instrumento, à nossa disposição, o que o Espírito comunicante não pode fazer.

“Assim, quando encontramos um médium com o cérebro cheio de conhecimentos adquiridos em sua vida atual e o Espírito rico de conhecimentos anteriores latentes, próprios para facilitar nossas comunicações, nós nos servimos dele de preferência, porque com ele o fenômeno da comunicação nos é muito mais fácil do que com um médium de inteligência limitada e com escassos conhecimentos anteriores. Nós nos faremos compreender com algumas explicações claras e precisas.

“Com um médium cuja inteligência atual ou anterior se encontra desenvolvida, nosso pensamento se comunica instantaneamente de Espírito a Espírito por uma faculdade inerente à essência do próprio Espírito. Nesse caso, encontramos no cérebro do médium os elementos próprios para dar ao nosso pensamento a vestimenta da palavra que corresponda a esse pensamento, quer o médium seja intuitivo, semimecânico ou mecânico puro.

É por isso que, qualquer que seja a diversidade dos Espíritos que se comunicam com um médium, os ditados obtidos por ele, todos procedendo de Espíritos diversos, trazem um cunho de forma e de cor pessoal desse médium. Porque, ainda que o pensamento lhe seja totalmente estranho, ainda que o assunto saia do padrão no qual ele se move habitualmente, ainda que queiramos dizer que não provenha de nenhum modo dele, ele não deixa de exercer, quanto à forma, a sua influencia pelas qualidades e propriedades próprias da sua individualidade. É exatamente como quando olhais diferentes pontos com óculos coloridos, verdes, brancos ou azuis; ainda que os lugares ou objetos observados sejam totalmente opostos e totalmente independentes uns dos outros, vós os vereis conforme a cor dos óculos. Ou melhor, comparemos os médiuns a esses frascos cheios de líquidos coloridos e transparentes que se vêem na vitrine das farmácias; pois bem! Somos como luzes que clareiam certos pontos de vista morais, filosóficos e internos através de médiuns azuis, verdes ou vermelhos, de tal modo que nossos raios luminosos, obrigados a passar por vidros mais ou menos bem lapidados, mais ou menos transparentes, ou seja, por médiuns mais ou menos inteligentes, chegam aos objetos que queremos esclarecer, tomando a coloração, ou melhor, a forma própria e particular de dizer desses médiuns. Enfim, para terminar, uma última comparação: nós, Espíritos, somos como compositores de música que querem compor ou improvisar uma música e têm à mão apenas um destes instrumentos: um piano, um violino, uma flauta, um baixo ou uma gaita barata. É incontestável que com o piano, a flauta ou o violino executaremos nosso trecho de modo muito compreensível para nossos ouvintes; ainda que os sons que provenham do piano, da flauta ou do violino sejam essencialmente diferentes uns dos outros, nossa composição será basicamente a mesma, salvo os matizes do som. Mas, se temos à nossa disposição apenas uma gaita barata, aí está para nós a dificuldade.

“De fato, quando somos obrigados a nos servir de médiuns pouco adiantados, nosso trabalho se torna bem mais longo e difícil, pois somos obrigados a recorrer a formas incompletas, o que é uma complicação para nós; pois, então, somos forçados a decompor nossos pensamentos e ditar palavra por palavra, letra por letra, o que é um aborrecimento e uma fadiga para nós, além de um entrave real à rapidez e ao desenvolvimento de nossas manifestações.

“Por isso ficamos felizes quando encontramos médiuns bem apropriados, bem equipados, munidos de materiais prontos para funcionar, numa palavra: bons instrumentos, porque então nosso perispírito, agindo sobre o perispírito daquele que mediunizamos, não tem que dar mais a

impulsão da mão que nos serve de porta-lápis; enquanto com os médiuns insuficientes somos obrigados a fazer um trabalho semelhante àquele que fazemos quando nos comunicamos por meio de pancadas, ou seja, a designar letra por letra, palavra por palavra, cada uma das frases que formam os pensamentos que queremos comunicar.

“É por essa razão que nos dirigimos de preferência às classes esclarecidas e instruídas para a divulgação do Espiritismo e o desenvolvimento da mediunidade escrevente, embora seja nessas classes que se encontram os indivíduos mais incrédulos, os mais rebeldes e os mais imorais. É que, do mesmo modo que deixamos hoje aos Espíritos zombeteiros e pouco avançados o exercício das comunicações tangíveis das pancadas e dos transportes, os homens pouco sérios entre vós preferem o espetáculo dos fenômenos que enchem seus olhos e seus ouvidos aos fenômenos puramente espirituais, puramente psicológicos.

“Quando queremos transmitir ditados espontâneos, agimos sobre o cérebro, sobre os arquivos do médium, e juntamos nossos materiais aos elementos que ele nos fornece, e isso com seu inteiro desconhecimento; é como se tivéssemos acesso ao dinheiro que possa ter na sua bolsa e dispuséssemos as diferentes moedas numa seqüência somatória que nos parecesse a mais útil.

“Mas, quando o próprio médium quer nos interrogar sobre qualquer assunto, é bom que reflita seriamente sobre isso, a fim de nos questionar de modo metódico, facilitando assim nosso trabalho de responder. Porque, como vos foi dito em instrução precedente, vosso cérebro está muitas vezes numa desordem tão medonha que nos é tão lento quanto difícil nos mover no labirinto de vossos pensamentos. Quando as perguntas forem feitas por terceiros, é bom e útil que a série de questões seja comunicada com antecedência ao médium, para que ele se identifique com o Espírito do interrogante e se impregne por assim dizer de seu intento, porque nós temos mais facilidade para responder pela afinidade que existe entre nosso perispirito e o do médium que nos serve de intérprete.

“Certamente, podemos falar sobre matemática servindo-nos de um médium a quem esta parece totalmente estranha; mas, muitas vezes, o Espírito desse médium possui esse conhecimento no estado latente, ou seja, ele é conhecido por seu ser fluídico, e não por seu ser encarnado, por ser seu corpo atual um instrumento rebelde ou contrário a esse conhecimento. Acontece o mesmo com a astronomia, a poesia, a medicina e as línguas diversas, assim como com todos os outros conhecimentos particulares à espécie humana. E, finalmente, temos o sistema de elaboração difícil quando com médiuns completamente estranhos em relação

ao assunto tratado; nesses casos, temos de juntar as letras e as palavras, como em tipografia.

“Como já dissemos, os Espíritos não têm necessidade de revestir seu pensamento com palavras; eles percebem e comunicam os pensamentos só pelo fato de eles existirem neles. Os seres encarnados, ao contrário, só podem perceber o pensamento quando revestido da palavra. Enquanto a letra, a palavra, o substantivo, o verbo, a frase, enfim, vos são necessários até mesmo para a percepção mental, nenhuma forma visível ou tangível é necessária para nós”.

Erasto e Timóteo

◆ *Essa análise do papel dos médiuns e dos procedimentos que os Espíritos utilizam para se comunicar é tão clara quanto lógica. Decorre desse princípio que o Espírito toma não suas idéias, mas os materiais necessários para exprimi-las no cérebro do médium e que, quanto mais esse cérebro é rico em materiais, mais a comunicação é fácil. Quando o Espírito se exprime na linguagem familiar ao médium, encontra nele palavras formadas para revestir a idéia; se é numa língua que lhe é estranha, não encontra as palavras, mas simplesmente as letras; é por isso que o Espírito é obrigado a ditar, por assim dizer, letra por letra, exatamente como se quiséssemos fazer escrever em alemão quem não sabe desse idioma nenhuma palavra. Se o médium não sabe ler nem escrever, não possui no seu cérebro nem mesmo as letras; é preciso lhe conduzir a mão como se faz a uma criança que está sendo alfabetizada, e isso é uma dificuldade ainda maior a ser vencida. Esses fenômenos são possíveis, e deles há numerosos exemplos; mas compreende-se que esse modo de proceder não se presta para a extensão e a rapidez das comunicações e que os Espíritos preferiram os instrumentos mais fáceis ou, como eles dizem, os médiuns bem aparelhados do seu ponto de vista.*

Se os que desejam ver esses fenômenos como meio de se convencerem tivessem estudado previamente a teoria, saberiam em que condições excepcionais eles se produzem.